

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E**  
**CIÊNCIAS HUMANAS**

**Márcio Alex Leme**

**50756–Filosofia noturno**

**ENSAIO SOBRE EDUCAÇÃO E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS.**

Guarulhos  
Novembro-2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO**  
**ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E**  
**CIÊNCIAS HUMANAS**

**Márcio Alex Leme**

**50756–Filosofia noturno**

**ENSAIO SOBRE EDUCAÇÃO E PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS.**

Trabalho apresentado à Biblioteca Terra Livre  
como requisito parcial para apresentação no  
evento Ciência e Anarquia, na Universidade de  
São Paulo.

Guarulhos

Novembro-2013

## **OBJETIVO**

Estes escritos tem origem a partir do encontro de graduandos que desenvolveram aptidões no exercício prático da metalinguagem e psicopedagogia, empregadas nos cursos de língua estrangeira e pré-universidade no Espaço Comunitário Toka da Árvore no bairro dos Pimentas, em Guarulhos, SP. Desta prática surgiu o Centro Independente de Línguas, ou simplesmente CIL, localizado dentro Espaço Comunitário Toka da Árvore, um projeto orientado ao sentido da vida social, à difusão de culturas e à transmissão oral do conhecimento por meio da sociabilidade. Pela natureza dos seus princípios, o Centro Independente de Línguas (CIL) se afastou do indivíduo no seu singular e se aproximou cada vez mais da sociabilidade, da liberdade da vontade, da igualdade, da solidariedade, da dignidade e do respeito com vistas à comunidade acadêmica e à comunidade da periferia da cidade de Guarulhos. Como os seus princípios escapam às tendências do ensino regular, foi necessário buscar algo que se encontrava além das perspectivas pedagógicas oferecidas no sistema educacional financiado pelo Estado, então, diante de grandes obstáculos, decidimos aproximar as nossas aspirações ao único modelo educacional realmente capaz de emancipar o humano da tutela do Estado: a pedagogia libertária. Assim, o objetivo de tais escritos é apresentar, com base na representação da experiência descrita, um ensaio sobre pedagogia libertária.

## **JUSTIFICATIVA**

O Centro Independente de Línguas esteve em funcionamento provisório no Centro Acadêmico da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP - campus Guarulhos, e o ensaio que segue é o fio condutor que nos deu base para o desenvolvimento da nossa experiência coletiva, tanto no CIL como na ocupação do campus Guarulhos da Unifesp em 2012, nesta ocasião convertido em Universidade Popular dos Pimentas - UNIPOPI. Sua existência foi efêmera, durou apenas 14 dias, mas nos proporcionou uma noção do significado de autonomia e gestão, que naquele momento chegou ao fim com a ação da tropa de choque da Polícia Militar durante o processo de reintegração de posse. A exposição que segue discorre acerca de nossa visão sobre pedagogia libertária, que não foi perfeita ou profunda e não produziu resultados concretos, mas nos serviu apenas de alicerce para uma experiência de Universidade Popular. Como efeito, nos legou o CIL, uma realização que nos

aproximou definitivamente da comunidade local e, posteriormente, a partir de junho de 2013, da construção do Espaço Comunitário Toka da Árvore.

A interação com a comunidade se pautou em ações que semearam a ideia de emancipação do humano, com vistas a redescoberta do sentido da vida social e semeando a consciência de que o humano se transforma no contexto da produção de sua própria história. A ocupação do campus, enquanto ato político, foi o retrato de nossa insatisfação em relação a burocracia universitária, a principal responsável pela precarização do campus. Com o campus ocupado, esclarecemos que o nosso compromisso de luta foi contra a precarização do campus, por uma universidade mais justa, mais democrática e que atendesse as necessidades da comunidade local. Tal compromisso praticamente nos obrigou ocupar também o restaurante universitário, na ocasião convertido no Centro de Nutrição Solano Trindade, cujo lema foi “*se tem gente com fome, dá de comer*”. Fornecemos café da manhã, almoço e jantar em troca de contribuição voluntária ou doações; também foram desenvolvidas atividades conjuntas como oficinas de culinária, massas e comidas típicas regionais. Foi a prova que é possível fornecer uma refeição de qualidade a baixo custo.

Com relação a socialização de saberes, decidimos que reduziríamos a defasagem epistemológica, se é que ela realmente existe, pela abolição do padrão professor-aluno por meio da proposta ensinante-aprendente. O ensinante é uma pessoa que não possui o *status* de professor, assim como o aprendente não possui o *status* de aluno. São posições que se alternaram ao longo dos processos de aprendizagens e ensinagens; quando o ensinante está transmitindo conhecimento, obviamente ele é o ensinante, mas quando o aprendente profere coisas que escapam ao domínio do ensinante, as posições se alternam e naquele momento o ensinante passa a ser aprendente e o aprendente passa a ser ensinante, fato que contribuiu para a desmitificação da autoridade no ensino ou no conhecimento, e teve implicações no desenvolvimento das pessoas que estiveram participando desta troca de saberes, sejam ensinantes ou aprendentes, que se revelaram, potencialmente, bons comunicadores, pesquisadores e artistas.

**Palavras-chaves: Ensino, Auto-gestão, Anarquia, Liberdade e Pedagogia libertária.**

## **GESTÃO DA EDUCAÇÃO E PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS DO SÉCULO**

### **XXI**

Ao longo de décadas a escola não despertou o interesse da gestão de política educacional. Com a introdução do neoliberalismo no Brasil, porém, o debate sobre cidadania e educação mudou a função política e social da escola, já que ela representa o principal meio de transmissão do conhecimento entendido como essencial para as gerações futuras.

Como economia e política são modelos que estão relacionados a todo o momento com a prática educativa, cada movimento político-econômico implica para a educação, em uma mudança em parâmetros curriculares e práticas educativas; conseqüentemente há um replanejamento para um modelo que se adapte a uma nova forma.

As políticas educacionais permeiam interesses no contexto da luta de classes, de onde derivam concepções que divergem sobre o papel da escola como categoria central para pensar a construção da cidadania. Dentro da política educacional existem duas tendências para a escola: a pedagogia liberal, subdividida em Escola Nova e Tecnicismo e a pedagogia progressista. A pedagogia liberal é partidária do compromisso da escola com a cultura e o saber numa dissociação com os problemas cotidianos que envolvem a vida em sociedade; ela, que após readequações diversas, ficou conhecida como escola nova é uma tendência liberal progressista que entende a educação como um processo ativo que coloca a vida numa interação entre os sistemas de cognição individual e de ambiente. A outra tendência liberal é o tecnicismo, que enfatiza a escola como formadora de modelos destinados a suprir as demandas de mão de obra qualificada.

Em oposição aos modelos de pedagogia liberal há uma pedagogia de orientação progressista que é distinta das outras duas concepções de escola, pois é orientada para a mudança, ou seja, trata-se da escola direcionada à formação do indivíduo autônomo, consciente dos conhecimentos universais e da necessidade de uma sociedade com mais justiça e democracia. Tais tendências não sugerem um conflito na escola, apenas representam os modelos necessários para a compreensão do pensamento; nenhuma das tendências descritas acima existem como tipos puros, apenas coexistem numa estrutura cujos

sistemas são formados pelas tendências para a educação e estão em constante movimento numa estrutura de escola para escola ou de professor para professor<sup>1</sup>.

Como existem partidos ou facções políticas que defendem a implantação dos diferentes modelos citados, a pretensão deste ensaio não é explorar as vantagens ou desvantagens dos modelos de educação descritos, mas, de apresentar outro modelo de organização que poderá nos orientar sobre uma escolha, ou mesmo questionar os critérios para a educação vigentes no Brasil.

A pedagogia libertária ou educação anarquista é o modelo educacional empregado em comunas anarquistas e parece ter sua origem na Escola Moderna, desenvolvida pelo espanhol Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), que esteve envolvido na luta dos republicanos espanhóis contra a monarquia; foi exilado e posteriormente executado. Fundou sua escola em 1901 com doze meninos e dezoito meninas. Declarava não acreditar na política partidária como princípio para transformação social, mas acreditava na educação pautada nas relações sociais como motor para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores; no seu ponto de vista a educação necessitava de uma ruptura com toda a forma de dogmatismo, devendo pautar-se apenas na razão e na ciência. Afirmava que a educação ou a escola não deveriam ser organicamente dissociadas do corpo da sociedade, e sim autogestionada pela própria sociedade, posicionando-se contrário a educação estatal.

A escola moderna parece ter lançado as bases para a educação anarquista, mas antes de demonstrar como funciona o sistema conhecido como pedagogia libertária, é preciso responder à seguinte pergunta: o que é anarquismo? Ao longo da história do socialismo, nenhum outro movimento foi tão incompreendido como o anarquismo. Como teoria social, o anarquismo se estabeleceu a partir do princípio anarquia é ordem, embora a ideia de anarquia permeie o processo histórico da humanidade nem todos que rejeitam a autoridade podem ser chamados de anarquistas, pois a simples revolta contra a autoridade não faz de ninguém um anarquista. O anarquismo se ocupa da relação entre o homem e a sociedade com a finalidade, num primeiro momento, de transformar a si próprio e depois a sociedade em que se vive; seu método é de revolta social que pode ser ou não ser violenta.

---

<sup>1</sup>–Ferreira, Naura S. C.; Aguiar, Márcia A. da S. *Gestão de Educação* - 3º edição – São Paulo: Cortez, 2001.

A palavra anarquia vem do grego *anarchos* e significa sem governo. Assim, a célebre frase elaborada por Proudhon, *anarquia é ordem*, esclarece que a única ordem é o não governo. Por tal motivo o anarquismo é associado pejorativamente ao conceito de anomia, desordem e quiproquó. Como sistema social, o anarquismo tem na liberdade o seu tema central. A liberdade corresponde a uma das categorias ou fenômenos que tem origem na sociabilidade, como a liberdade da vontade, a igualdade, a solidariedade, a dignidade e o respeito; a sua efetividade e pragmatismo fundam o sistema social dos anarquistas<sup>2</sup>.

Considerando que a primeira natureza humana é biológica e a segunda natureza é social, para os anarquistas a segunda natureza, além de social, é acima de tudo libertária, o que os coloca num diálogo estreito em relação à alteridade, pois não é possível a consciência de liberdade sem o sentido da vida social. A depreciação sofrida pelos anarquistas sobre a sua visão de mundo está relacionada ao processo educacional que se estabeleceu ao longo dos séculos XX e XXI. A educação é o que direciona o humano para a vida social, mas, no ensino regular contemporâneo, existe uma tendência a naturalizar as leis e reduzir a liberdade ao sentido do cumprimento da lei, seja ela qual for, fato que direciona a sociedade para a obediência, para o trabalho e para o consumo, o engodo que aliena as pessoas quanto à indignação e à subversão; contribui para a formação de um modelo de sociedade apática, individualista, ausente de relações solidárias e que adoece num ambiente de estresse, de trabalho excessivo e alienada ao que é político.

O problema do anarquismo está relacionado ao controle e à dominação, ambos oriundos da natureza despótica do Estado e do contrato social. Tal fato poderá ser verificado no conceito de liberdade que não tem o mesmo sentido para anarquistas e contratualistas. Como teóricos do contrato social, Locke e Rousseau defenderam que, necessariamente, o homem deve abdicar de sua liberdade para viver em sociedade; os anarquistas afirmam justamente o contrário. Proudhon e Bakunin, os primeiros teóricos do anarquismo, defenderam que o homem apenas poderá ser livre na presença de outros homens livres, ou seja, apenas a partir da vida social é possível ser livre; a liberdade funda a sociedade, pois o humano não teria a consciência da liberdade vivendo no isolamento.

A liberdade de cada indivíduo apenas poderá ser alcançada perante a igualdade de todos e com relação a todos. Assim, com a realização da liberdade na igualdade parece ser,

---

<sup>2</sup> - George Woodcock, "História das Idéias e Movimentos Anarquistas". Prólogo, Pg. 08, pp. 05.

na prática, o que se entende por justiça. O anarquismo estabelece a razão humana como critério para julgamento da verdade, a consciência humana como base para a justiça e a liberdade individual ou coletiva como princípio criador da organização social.

O anarquismo tem como finalidade a emancipação política do indivíduo em relação à dominação e tutela do Estado, que deverá ser suprimido em função da organização coletiva dos meios de produção (campos e fábricas), promovendo o fim do trabalho como categoria central para acumulação de riqueza, embora, o pensamento libertário não seja caracterizado como ideologia ou imposição, pois ele não busca medidas para os seus atos senão pautados na própria razão e nas deliberações de acordo com a vontade livre de cada um.

Os fundamentos históricos do anarquismo ou socialismo libertário tem origem na organização da 1ª Internacional, na peleja entre Karl Marx e Mikhail Bakunin sobre o fim do Estado e a ditadura do proletariado. A crise entre as duas opiniões teve como desfecho a expulsão dos anarquistas da 1ª Internacional. Assim, o socialismo passou a se assentar sobre duas perspectivas:

**MODELO MARXISTA:** Para os marxistas, uma vanguarda teria a missão de direcionar as massas para o comunismo, e a partir da tomada do poder, o clímax da luta de classes, se daria a formação de um Estado transitório ao comunismo. Numa outra perspectiva o Estado poderá continuar revolucionário ou assentar-se sobre um reformismo estéril.

**MODELO BAKUNINISTA:** Este modelo foi definido tendo como base as ideias de Bakunin. Embora existam diversas correntes dentro do que se conhece por anarquismo, ele se fundamenta a partir da sentença que toda autoridade deverá ser rejeitada. Neste sentido, a organização das massas não assume um caráter autoritário e as decisões seriam tomadas em assembleias livres, soberanas e horizontais, sendo renunciada toda a ideia de centralidade; com a destruição do poder haverá o fim do Estado e a propriedade privada cederá lugar para a formação de comunas livres e coletivizadas.

A diferença entre os dois modelos é apenas metodológico, mas ao longo da história travaram-se grandes batalhas pela liberdade e pelo fim do Estado, como por exemplo, na Revolução Russa, na resistência ucraniana, na Guerra Civil Espanhola, no Brasil...

O anarquismo não deverá ser classificado como ideologia, pois não é um sistema completo ou teoria única. Ao contrário, ele se caracteriza por um movimento constante de ideias que formam a concretude de diversas correntes. O anarquismo não sustenta verdade



absoluta sobre coisa alguma ou sobre objetivo último definido. Realiza-se no caráter do que pode ser aperfeiçoado nas organizações sociais, sobre os modos de expressão dos quais não se pode atribuir nenhuma finalidade definida ou objetivo determinado, porque o movimento contínuo de novidades imprevisíveis é um traço característico da complexidade da existência humana. O Estado é quem deseja reduzir a diversidade da vida social à obediência, e assim, ajustar o cotidiano das pessoas para a uma vida singularizada, mergulhada no universo da competição e do trabalho, o que aliena o indivíduo em relação ao sentido da vida social. Anarquismo não é ideologia; é o poder quem necessita de ideologia. A ideologia está associada ao serviço do poder; é condição indispensável para a dominação, seja do Estado ou de outras doutrinas que aspiram à tomada do poder ou a manutenção da antiga ordem. Logo, a ideologia poderá ser entendida como a pretensão a uma explicação total, que procura suprimir toda a riqueza da diversidade de opiniões em benefício de sua forma única e temporal.

Anarquia não necessita de ideologia, mas de ideias que possam ser concretizadas. É a autoridade quem se apropria de ferramentas ideológicas para justificar as barreiras que são colocadas diante da liberdade de cada pessoa. Rejeitar a ideologia, especificamente, não implica numa negação de discursos ou de análises mais amplas sobre a realidade; a ideologia não é o único discurso racional sobre visão de mundo. Existem outros modelos para a organização social que não o Estado, o que coloca o anarquismo como o movimento de ideias que, calcado nas ações, procura reconstruir a vida de acordo com a vontade individual, coletiva e autônoma.

Assim, o anarquismo tem como perspectivas para a sociedade o princípio da revolução no mundo. Para tal intento é necessário a desconstrução radical de toda ordem religiosa, política, econômica e social atuais para a reconstrução de toda a sociedade sobre as bases da liberdade, da razão, da justiça e do trabalho. Tal propósito não poderá ter efeito em um curto prazo de tempo; apenas cessará quando o movimento do mundo inteiro compreender a sua razão de ser.

A proposta da pedagogia libertária, em oposição aos modelos da Escola Nova, ou mesmo se comparada à pedagogia de orientação progressista, é um modelo distinto. Trata-se de uma pedagogia que educa para a liberdade, e o conceito de ser humano é a pedra fundamental da pedagogia libertária.

A pedagogia libertária deverá ocupar todo nível educacional; não haverá na pedagogia libertária outra finalidade senão o planejamento para que o indivíduo tenha acesso a conhecimentos universais que garantam às crianças, ao atingirem a maioridade, a sua liberdade e o desenvolvimento de suas forças físicas, do seu intelecto, de sua vontade, de sua razão, da verdade, da justiça, do respeito; da consciência que a sua dignidade pessoal não é separada da dignidade humana do outro, do amor à sua própria liberdade e à liberdade do outro, o desprezo pela mentira, pela injustiça, pela covardia, pela escravidão, pelo excesso de ociosidade. A educação libertária exalta o trabalho, pois é através dele que o homem transforma a natureza, constrói o seu mundo e garante a satisfação de suas bases materiais. Primeiramente a educação libertária deverá formar humanos, depois cidadãos e cidadãs conscientes, trabalhadores e trabalhadoras nas mais diversificadas funções de acordo com a inclinação natural de cada um.

A educação anarquista entende o humano alienado como a própria sustentação da sociedade de exploração, porém a educação libertária se coloca no papel de uma *panaceia* para a mudança deste paradigma, e compreende a educação integral como meio para a superação, pois ela tem a função de transformar a sociedade sem dissociar o trabalho intelectual do trabalho manual porque o seu objetivo é o desenvolvimento e harmonização das capacidades físicas e intelectuais, bem como direcionar o aprendente para a vida na perspectiva de um novo sistema social.

Proudhon já apontava para a necessidade de formação do homem como produto das relações sociais, pois é, no seu ponto de vista, o principal modo de perpetuar a sua existência enquanto espécie. Assim, a medida que a criança se transforma em adolescente e atinge a maioridade, ela será consciente de que foi conduzida pelos caminhos da liberdade. A liberdade para o pensador francês é o movimento de uma síntese de componentes que, desmembrados, não teriam a mesma força. A liberdade de um indivíduo não tem fim onde começa a liberdade de outro: ambas nascem juntas, sempre pautadas no respeito que deverá estar presente no seio e ao longo de toda a vida social. Toda educação moral consiste nesses princípios<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> - Bakunin, Michael Alexandrovich *Textos Anarquistas*. Seleção, notas de Daniel Guerin; tradução de Zilá Bernd-Porto Alegre: L e PM Pocket-2000. “*Da família e da escola*”, pp. 05 e 06.

A educação anarquista ou pedagogia libertária não faz uso de atributos como vestibulares ou frequência obrigatória; apenas dispõe de pessoas com conhecimento funcional que trabalham como ensinantes. Na pedagogia libertária os estudantes são protegidos contra a lógica da competição e não há distinção entre aprovados e reprovados, porque o incentivo à dúvida permeia o caminho para a promoção do conhecimento e os aprendentes recebem o suporte teórico e prático para sua autoformação. Eles são colocados no papel de construtores assim como os seus próprios ensinantes. Tal forma de educação se inclina para desnaturalizar a lei, seja moral, religiosa ou jurídica<sup>4</sup>.

Para expandir a transformação social, tal pedagogia faz uso da autogestão que parece se fundir com o próprio conceito de autonomia; trata-se da edificação de uma comuna, seja numa fábrica, campo ou escola que é administrada pelo coletivo. A autogestão implica numa sociedade sem o Estado, embora a pedagogia liberal tenha se apropriado de elementos da pedagogia libertária, adaptando-os para um modelo em que o Estado é dissociado organicamente da sociedade. A autogestão é utilizada pelo reacionário liberalismo do *laissez-faire*.

A ideia libertária de pedagogia tem na autogestão a sua constituição e não deverá ser associada com a proposta da pedagogia liberal da Escola Nova contemporânea. Entre elas não há convergência em função das posições contrárias que ambas sustentam; assumir a posição de que o homem é um ser complexo com direito natural à igualdade e à liberdade se opõe politicamente ao sistema social vigente, que por sua vez concede tais direitos apenas a certas categorias sociais que controlam a massa pela desigualdade. Receber educação anarquista representa levar a efeito a oposição contra a desigualdade e a alienação; a pedagogia libertária almeja a formação do humano completo. É o humano completo que irá opor-se ao sistema, num movimento de estratégias políticas com a finalidade de transformação social.

Como considerações finais, os vícios e os crimes que assolam a sociedade parecem ter origem no modelo social inadequado e antinatural, que tem no trabalho a categoria central para acumulação de riqueza. Um humano não é como o outro, e se levamos tal fato em consideração, tudo nos direciona para uma confusão generalizada. Entretanto, ao

---

<sup>4</sup>-Pey, Maria Oly Pedagogia Libertária: Experiências Hoje. Editora Imaginário-2000-pp. 11.

despertar aquilo que todo humano possui de universalidade, que é a sua condição social, é possível a construção de um novo humano e um novo sistema social, tendo como base a educação fundamentada na liberdade, na razão, na justiça e no respeito humano. Assim, a visão de mundo dos anarquistas procura demonstrar que é possível uma educação melhor, pois o bem parece se evidenciar como regra; o mal parece que se tornará uma doença e diminuirá sobre a ação de uma opinião pública moralizadora.

## BIBLIOGRAFIA

**AMARAL**, Silvia (coordenadora). *Psicopedagogia: um portal para a inserção social*. Editora Vozes, 2003.

**BAKUNIN**, Mikhail. *Dios y el Estado*. Barcelona, Ed. Júcar, 1979a, 4ª ed

**BAKUNIN**, Mikhail. *La Libertad*. Barcelona, Ed. Júcar, 1980, 2ª ed

**BAKUNIN**, Mikhail. *O Socialismo Libertário*. SP, Global, 1979b

**BAKUNIN**, Michael Alexandrovich *Textos Anarquistas*. Seleção, notas de Daniel Guerin; tradução de Zilá Bernd-Porto Alegre: L e PM Pocket-2000.

**BAGNO**, Marcos. *Preconceito Linguístico. O que é, como se faz*. 21. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

**BEAUCLAIR**, João. *Psicopedagogo/a pesquisador/a: aprendendo outras lições, buscando novos caminhos*. Publicado no site <http://geocities.yahoo.com.br/simaiapsicopedagoga>  
Publicado no site [www.fundacaoaprender.org.br](http://www.fundacaoaprender.org.br)

**FERNANDÉZ**, Alicia. *O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de Pensamento*. Porto Alegre, Editora Artmed, 2001.

**FERREIRA**, Naura S. C.; Aguiar, Márcia A. da S. *Gestão de Educação - 3º edição* – São Paulo: Cortez, 2001.

**FERRER i GUÀRDIA**, Francesc. *La Escuela Moderna - póstuma explicación y alcance de la enseñanza racionalista*. Madrid, Ediciones Solidaridad, 1912.

**INICIANTE IDEIAS**: *a construção do olhar do/a psicopedagogo/a*. Artigo publicado no Site da Associação Brasileira de Psicopedagogia e no site [www.psicopedagogiaonline.com.br](http://www.psicopedagogiaonline.com.br) em fevereiro/março de 2003.

**LUCKESI**, Cipriano Carlos *Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições*/Cipriano Carlos Luckesi - 22. ed.- São Paulo: Cortez, 2011.

**FLUSSER**, Vilém. *Há futuro para a escrita?* Ana Blume. 2010.

**FLUSSER**, Vilém. *O mundo codificado*. Cosac Naify. 2007.

**FREIRE**, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro. 2001.

**PEY**, Maria Oly *Pedagogia Libertária: Experiências Hoje*. Editora Imaginário-2000.

**PRANDINI**, Regina Célia de A. *Autoria de pensamento e alteridade: temas fundantes de uma relação pedagógica amorosa e libertadora*. IN. AMARAL, Silvia (coord.)

**PROUDHON**, Pierre-Joseph. *A Nova Sociedade*. Porto, Rés, s/d

**PROUDHON**, Pierre-Joseph. *O que é a Propriedade?* Lisboa, Estampa, 1975.

**SCOZ**, Beatriz. Prefácio. IN.: AMARAL, Silvia (coordenadora). *Psicopedagogia: um portal para a inserção social*. Editora Vozes, Petrópolis, 2003.

**STÖRIG**, Hans Joachim. *A aventura das línguas*. Melhoramentos. 1990.

**RIBEIRO**, Darcy. *A universidade necessária*. 2 ed. Paz e terra. 1975.

**WOODCOCK**, George, 1912-1995. *História das Ideias Movimentos Anarquistas*. Tradução de Júlia Tettamanzy. - Porto Alegre: L&PM, 2007.



